

PATERNIDADE CONTEMPORÂNEA.

Diante das mudanças sociais e familiares, é importante analisar e discutir quais mudanças estão ocorrendo nas relações familiares. Assim, a presente sessão coordenada tem por objetivo refletir sobre a paternidade contemporânea particularmente no contexto brasileiro. São constatadas mudanças e permanências no pai que não é mais concebido apenas como provedor, mas como alguém próximo de seus filhos, que os leva para passear e brinca com eles. No entanto, também são encontrados pais mais distantes ou mesmo ausentes na vida de seus filhos. Portanto, são levantadas as necessidades de políticas públicas que favoreçam o envolvimento paterno e de estudos que aprofundem tal questão.

A PARTICIPAÇÃO DO PAI NO CUIDADO COTIDIANO DE FILHOS PEQUENOS. Lúcia Vaz de Campos Moreira (*Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador, Salvador-Ba*)

Esta comunicação apresenta parte de resultados da pesquisa “Gênero e família em mudança: participação de pais no cuidado cotidiano de filhos pequenos” desenvolvida, em Salvador-Ba, por professores e alunos do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea (Universidade Católica do Salvador). O recorte feito objetiva investigar a participação do pai no cuidado cotidiano de filhos pequenos. Para tanto, foram entrevistados 150 casais residentes em Salvador, metade com nível socioeconômico baixo e a outra metade com nível médio alto, que tinham pelo menos um(a) filho(a). Como instrumento foi construído roteiro estruturado investigando o cuidado do/a filho/a caçula no período em que ele(ela) usava fraldas. As atividades focalizadas foram distribuídas em quatro tipos de tarefa de cuidado: físico, lazer/convivência, educação/disciplina e atividades externas. Os participantes foram recrutados por meio do sistema “bola-de-neve” e os aspectos éticos foram respeitados. Os dados obtidos foram tabulados e apresentados em planilhas Excel com estatísticas e no programa SPSS. Os resultados revelam que a participação do pai se destaca em atividades como brincar, passear, educar/disciplinar e atividades externas (principalmente comprar alimentos). Mesmo constatando-se mudanças com relação à paternidade, há prevalência da mãe como cuidadora e o pai tem uma participação complementar. Com relação à avaliação subjetiva das tarefas em termos de prazer versus desprazer e facilidade versus dificuldade, consta-se que os pais consideram como mais prazerosas as atividades de brincar, passear, cantar/ler e comprar brinquedos. Por outro lado, as mais desprazerosas são: atender à noite, levar ao médico, atender quando doente, trocar fralda e preparar comida. As tarefas consideradas mais fáceis para eles são: brincar, comprar brinquedos, comprar comida e passear. No entanto, as mais difíceis são: preparar comida, atender à noite, atender quando o filho está doente, colocar para dormir durante o dia e levar ao médico. Cabe destacar que, para os pais, há correlação positiva entre frequência de desempenho e prazer, e correlação negativa entre frequência de desempenho e dificuldade. Porém, para as mães não há correlações significativas entre desempenho e qualquer das avaliações. Esses resultados sugerem que fatores motivacionais e atitudinais potencialmente relacionados à participação no cuidado diferem entre pais e mães; e são compatíveis também com resultados relativos aos perfis dos pais em termos de tipos de tarefas (particularmente quanto ao cuidado físico, onde se concentram as tarefas que os pais consideram mais difíceis). Assim, se a mãe assume que lhe cabe (por direito ou por dever) o lugar de cuidadora principal, seu

desempenho das tarefas será regulado pela necessidade de execução das tarefas, e não pelo grau de prazer ou dificuldade que envolvem; já no caso do pai, como cuidador complementar, há mais espaço para a regulação por esses fatores. Portanto, o pai poderá desenvolver com mais frequência atividades que mais lhe agradam. Deve-se levar em conta que, tipicamente, a socialização das meninas tende a prepará-las para certas tarefas de cuidado (particularmente o físico), o que não se dá na mesma medida no caso dos meninos, o que poderia estar se expressando na maior dificuldade que os pais percebem nessas tarefas.

Apoio financeiro/Bolsa: CNPq

Nível do trabalho: Pesquisador - P

Palavras-chave: Paternidade. Cuidado a crianças pequenas. Gênero.

Área da Psicologia: DES - Psicologia do Desenvolvimento

SER PAI NO BRASIL: ENTRE PRESENÇA E AUSÊNCIA, UMA REALIDADE DIVERSA E DESCONHECIDA. *Ana Cecília Bastos (UCSAL/ UFBA, Salvador-Ba), Vivian Volkmer-Pontes (UFBA, Salvador-Ba), Pedro Brasileiro (UFBA, Salvador-Ba), Helena Martinelli Serra (UFBA, Salvador-Ba)*

Nesta comunicação, analisamos três perfis ilustrativos da diversidade e complexidade da experiência de ser pai no Brasil, focalizando especificamente o envolvimento paterno no cuidado aos filhos. Após uma discussão inicial quanto ao exercício da paternidade no contexto sociocultural brasileiro, numa perspectiva histórica, apresenta-se uma revisão da literatura psicológica sobre o envolvimento paterno no cuidado a crianças pequenas, buscando delinear perspectivas, expectativas e representações paternas sobre ser pais, especialmente na transição para a paternidade. Destacamos a variabilidade no exercício da paternidade, tal como documentada em estudos qualitativos, etnográficos e longitudinais sobre a vida das famílias; a condição socioeconômica e o nível educacional dos pais são enfatizados enquanto condições relevantes. Não é possível falar de um padrão único de exercício da paternidade no Brasil: é possível encontrar pais cuidadosos, afetuosos e próximos a seus filhos, bem como pais ausentes e violentos, e tais padrões não podem ser associados exclusivamente a classe social. Ainda é pouco o que se conhece sobre a história da paternidade no Brasil; requer-se um movimento análogo ao feminismo para que o estudo dos homens possa avançar significativamente. Há registros, porém, de que ocorre um movimento, sobretudo entre homens de classe média, reivindicando o direito à paternidade enquanto experiência de vida. Quem são esses homens? Quais suas histórias, background e motivações? A pesquisa socioantropológica e psicológica, em termos gerais, focaliza sobretudo a ausência dos pais e seu impacto sobre a família e o desenvolvimento de crianças e adolescentes. A pesquisa sobre a presença paterna, no entanto, já começa a emergir, como se observa a partir da presente revisão. Os exemplos analisados aqui são extraídos de três diferentes situações de pesquisa: (1) um estudo de caso de uma família de classe média, considerando paternidade em duas diferentes gerações; (2) um estudo observacional, etnográfico, do cotidiano de famílias de um bairro pobre em Salvador, Bahia e (3) um estudo sobre conversações em um grupo de discussão envolvendo pais e mães. A discussão sugere a presença de diferentes modelos definindo paternidade: o pai-trabalhador, o pai-provedor, o pai-guardião. Tais modelos interagem com outras representações, comportando ambivalências (por exemplo, podem coexistir tanto com o pai que cuida, quanto com o pai que abusa de sua autoridade e é violento). Concluímos

esta comunicação com uma breve análise das políticas públicas dirigidas à saúde dos homens, e à questão da paternidade em especial.

Apoio financeiro/Bolsa: CNPq.

Nível do trabalho: Pesquisador - P

Palavras-chave: Paternidade do Brasil. Cuidado a crianças pequenas. Políticas públicas sobre paternidade.

Área da Psicologia: DES - Psicologia do Desenvolvimento

EXERCÍCIO DA PATERNIDADE NA CONTEMPORANEIDADE: IMPASSES, DESAFIOS E POSSIBILIDADES. *Jorge Lyra* (Grupo de Pesquisas sobre Gênero e masculinidades - Gema/ UFPE/ Instituto Papai – Recife/PE), *Benedito Medrado* (Grupo de pesquisas sobre Gênero e masculinidades - Gema/UFPE/ Instituto Papai – Recife/PE)

A proposta desse trabalho é apresentar reflexões críticas a partir de uma trajetória histórica de desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre paternidade nos últimos 20 anos. Nesta trajetória adotamos uma perspectiva teórica-conceitual e política ancorada em uma perspectiva feminista em diálogo com a abordagem construcionista a partir da qual temos trabalhado de modo sistêmico, desenvolvendo atividades de produção de conhecimento e atuação política, em diferentes instâncias, tanto no nível das práticas ou ações de intervenção direta (tempo do aqui e agora) como também no nível das instituições (tempo vivido), bem como por meio de produção de materiais educativos, campanhas de comunicação, produção teórico-acadêmica provocando normas culturais, conceitos e valores vigentes em nossa sociedade (tempo longo). Recordo-me que em 1994, em uma reunião da SBP compartilhei minhas primeiras reflexões sobre construção da identidade paterna, um estudo exploratório com jovens pais. Nos dias atuais tenho discutido sobre paternidade, principalmente, no campo das políticas públicas, mas algo que efetivamente me inquieta são as controvérsias que envolvem os processos (re)produtivos em suas várias expressões dos antigos e atuais impasses, desafios e possibilidades teóricas, conceituais e políticas que as experiências vividas pelas pessoas nos mostram. Passados mais de trinta anos de estudos, pesquisas e ativismo sobre as questões das práticas (re)produtivas, do campo dos direitos sexuais e direitos reprodutivos, do debate sobre paternidade(s), maternidade(s), família(s), sexualidade(s), políticas públicas entre outros nosso objetivo nesse Encontro é pensar o que efetivamente estamos conseguindo com o que fizemos nesses últimos anos? Que acúmulo teórico-conceitual conseguimos sistematizar e compartilhar? Que outras palavras, outros sentidos conseguimos colocar no campo? Conseguimos “disputar semanticamente” esses sentidos no campo político? O que efetivamente defendemos e conquistamos no campo dos direitos? E das políticas públicas? E na vida cotidiana das pessoas? Algumas “controvérsias óbvias” que temos interesse em discutir são, por exemplo: aos pedidos na justiça feitos por homens para cuidar de seus filhos, seja de guarda, seja de licença paternidade, mas ao mesmo tempo esse homem não aceita que a mulher/mãe faça um aborto (quais são os limites no campo dos direitos?); um corpo de mulher que se transforma em homem (em masculino) e tem um filho “natural”, amamenta, mas não pode ser representante de uma articulação de apoio a amamentação por ser homem! (o que mexemos efetivamente no sistema sexo/gênero?); dois homens gays de classe média alta que querem ter filhos e recorrem a todos os processos da ciência, da medicina, da tecnologia para terem esse filho... (velhos/ novos dilemas natureza versus cultura), impasses institucionais de realização do desejo/ possibilidade

de se ter filhos de casais soropositivos (ou sorodiscordantes), ou seja, debater o que estamos de fato transformando ou não nessa cultura machista, patriarcal seja no campo dos saberes seja no campo dos fazeres...

Apoio financeiro/Bolsa: CNPQ; FACEPE

Nível do trabalho: Pesquisador - P

Palavras-chave: Paternidade; direitos reprodutivos; feminismo.

Área da Psicologia: SOCIAL - Psicologia Social

O PAPEL DO PAI NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: CONCEPÇÕES DE PAIS, FUNCIONÁRIOS DE UMA EMPRESA ESTATAL DA BAHIA. *Ana Barreiros de Carvalho* (Departamento de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana – Ba)

Como resultado das mudanças sociais, tais como o crescente número de divórcios e o ingresso da mulher no mercado de trabalho, o papel do pai vem mudando rapidamente. Assim, esta pesquisa objetiva compreender e discutir o papel do pai na sociedade contemporânea, a partir das concepções de pais, de diferentes níveis socioeconômicos do Estado da Bahia. Para atingir tal propósito foi realizado um estudo de caso em uma grande empresa do Estado da Bahia/Brasil onde foram entrevistados 30 pais, sendo considerados os que recebiam maiores e menores salários. O instrumento de pesquisa foi elaborado com base nos fatores que definem a paternidade, conforme Lamb (2004) e Palkovitz (1997). O estudo foi direcionado pelas teorias do Psicodrama, Sociodrama e a Teoria Relacional, pois elas utilizam o conceito de papel como estruturante dos indivíduos e da sociedade. Como principais resultados obteve-se que, para os participantes com menores salários, o papel do pai consiste em ensinar, estar disponível para a criança e ser afetivo. Por outro lado, para os entrevistados com maiores salários, o pai é aquele que ensina, está disponível e compartilha atividades. Os pais dos dois grupos afirmaram que o principal fator de aproximação deles com seus filhos é o compartilhamento de atividades. Entretanto, a maioria dos pais de menores salários informou que o trabalho era o maior dificultador da aproximação deles com seus filhos(as), seguindo-se da separação conjugal. Já os pais de maiores salários mencionaram como principal dificultador o trabalho, seguindo-se de pouco tempo disponível para o(a) filho(a). Nos itens responsabilidade e disponibilidade, os pais de maiores salários apresentaram um nível de envolvimento maior que os de menores salários. Os pais de salários mais baixos encontraram-se mais envolvidos que os de maiores salários nas atividades referentes à afetividade (como sorrir para a criança), enquanto que o inverso ocorreu com relação às atividades relacionadas à cognição (como ensinar). Como a grande maioria dos entrevistados respondeu que as instituições e o governo não dão suporte para que eles possam desempenhar o papel de pai, verifica-se a necessidade de um maior envolvimento dos elaboradores de políticas públicas e institucionais com esse tema para que possam incluir a paternidade nos contextos escolares, empresariais e de instituições de saúde e de cuidados com a criança e a família. Verificou-se que são necessárias mudanças inclusive nas políticas referentes às pesquisas, pois, as investigações sobre o tema são insuficientes e, quando existentes, em sua maioria, apresentam uma visão conformista sobre o panorama da paternidade. Tais dados levaram à conclusão de que a paternidade é contingente ao ambiente em que está inserida, à complexidade do contexto socioeconômico, cultural, histórico e às características familiares e pessoais. Essencialmente, a paternidade não é importante apenas para o desenvolvimento da criança, mas também para os próprios pais e para a



Parte integrante dos resumos de Comunicação Científica apresentados durante a 43ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, Aracaju, 2013.

ISSN 2176-5243

sociedade, uma vez que os entrevistados afirmaram que após terem se tornado pais, ficaram mais responsáveis e maduros. Dessa forma, percebe-se que eles poderão ajudar na redução da pobreza, criminalidade e na construção de uma sociedade mais justa e melhor.

Apoio financeiro/Bolsa: CNPQ; UEFS

Nível do trabalho: Doutorado - D

Palavras-chave: Paternidade; envolvimento; cuidado.

Área da Psicologia: DES - Psicologia do Desenvolvimento